



PASQUIM FEMINISTA

INFORMATIVO LIBERTÁRIO ROSA GOMES

ANO V

PASQUIM FEMINISTA
Publicação da
COLETIVA FEMINISTA GSEX
ANO V- N°5

Data de fechamento: 30/10/2025

Maria Meire de Carvalho
Coordenadora do projeto

Ana Gabriela Colantoni
Revisoras do projeto

Ana Carola Cavalcante
Design e Diagramação gráfica



O outubro é rosa?

por: Julianne Veiga

Começo esta minha escrita sob o forte impacto da notícia sobre a morte de Morgana, uma jovem de 19 anos, moradora de minha pequena cidade, que estava desaparecida desde a madrugada de domingo. Morgana, esfaqueada, foi encontrada morta na terça-feira subsequente ao seu desaparecimento. Segundo noticiado, esteve acompanhada por um jovem que não lhe era desconhecido, suspeito de ser o autor do feminicídio que a vitimou. Peço licença para deixar em pausa, no texto, este tristíssimo caso, até voltarmos a ele. Preciso dar voz a outras questões para, depois, tentar reunir todas no que, penso, possa ser a questão síntese.

O mote inicial era o de falar sobre o câncer de mama. Estaria participando da campanha contra o câncer de mama por meio de meu depoimento. Pensei contar que um carcinoma esteve em mim, que foi retirado ano passado. Dizer que me encontro em um tratamento cuja previsão é a de que se prolongue por cerca de cinco ou sete anos, durante os quais ficará bloqueada em meu corpo a produção de estrogênio, buscando, com isto, impedir que venha a se desenvolver eventual célula cancerígena remanescente, nutrida por este hormônio.

Estrogênio é o homônimo feminino por excelência. Ele não apenas dá aos nossos corpos femininos suas formas peculiares como define neles suas características sexuais primárias e secundárias. É, também, fundamental para a fertilidade e gravidez e ajuda a manter a saúde óssea e do coração, sempre prejudicadas pela menopausa. Além disto, é importante para que haja uma boa síntese das proteínas e a geração de energia, para evitar o ressecamento da pele e mucosas do corpo e para manutenção da memória. Então, portanto, é fácil avaliar os fortes impactos que o bloqueador hormonal, usado para prevenir e curar o câncer, causam na mulher que precisa dele fazer uso.

Conheço muitas mulheres que passaram ou estão passando por este mesmo processo, algumas, infelizmente, não venceram a batalha. Todas, entretanto, tiveram uma boa parte ou a totalidade de suas mamas retiradas de si para levarem junto com estas partes, tão importantes para definição da identidade feminina, o mal maior, o câncer, portador de forte potencial de letalidade. Apesar de conhecer muitas mulheres, até bem próximas, que fizeram o enfrentamento do câncer de mama, nunca ouvi falar sobre as dificuldades enfrentadas por estas mulheres com o tratamento, para além das da doença em si. O que se ouve falar, à fartura, é sobre a quimioterapia, a radioterapia e seus difíceis efeitos. Note-se que estas terapias são comuns a todas as pessoas que estão combatendo o câncer – homens e mulheres. Não é intrigante perceber que só a parte das dificuldades que é comum com os homens está legitimada para a fala?

Quis falar sobre o câncer que esteve em mim e sobre o processo de cura no qual me encontro porque, no geral, nós mulheres nos silenciemos demais e sequer o percebemos. Quase sempre deixamos nossas questões difíceis circunscritas ao pequeno círculo das pessoas que nos são mais próximas e olhe lá. Porque nos silenciemos tanto? Não podemos “dar defeito”, é isto? Não temos merecimento ao cuidado? O câncer de mama, acontecendo predominantemente em mulheres, é algo menor?

A mim me parece que o silenciamento feminino e o câncer de mama estão intimamente interligados. O cuidado com a mulher, cultural e secularmente silenciada, é relegado, até por elas mesmas, e dificultado pelo sistema. A mulher, a quem, culturalmente, se atribui o papel de cuidadora, com bastante frequência é abandonada ou não acolhida pelos parceiros durante o tratamento. Não obstante isto, esta mesma mulher continua, não importando com que grau de facilidade ou de dificuldade, desempenhando, calada, os papéis que lhe são impostos e que ela, talvez, nem perceba não os ter conscientemente escolhido. Assim, enquanto nos mantivermos quietas, silenciando nossas dores e questões femininas, continuaremos contribuindo para que prossigam acontecendo os abusos e violências de toda espécie que contra nós são praticados desde a infância.

Quantas Morganas ainda precisam ser mortas todos os dias? Se somos os alvos das agressões, não precisamos nem devemos esperar que a proteção e o cuidado conosco venham de fora, eles precisam começar em nós e por nós mesmas, desde nos darmos mais atenção e de nos apoiarmos umas às outras até elegermos mulheres para nos representar, coisa que ainda não fazemos.

Julianne Veiga
Goiás, 15 de outubro de 2025

O Autocuidado é Resistência Ancestral

por: Gláucia Fernandes

E-mail glaucia_fernandes@discente.ufg.br

Foi pelas ondas do mar que cheguei aqui, trazida em um navio negreiro. Estou no Brasil, e para estar aqui foi necessário praticar o autocuidado e a resistência, por meio de lutas coletivas. Para as mulheres negras, o autocuidado representa não apenas uma estratégia de sobrevivência, mas também um instrumento político de enfrentamento ao racismo estrutural e às diversas formas de opressão que atravessam seus corpos.

Nesse sentido, honro aquelas que abriram o caminho que hoje trilho. Compreendo que as práticas de autocuidado permeiam minha vida desde a infância — nos banhos de ervas, nos chás e no “quebrador de polvilho” preparados por minha avó; nas rodas de mulheres para a produção de farinha e pamonha; e na utilização dos ramos de arruda e outras ervas para afastar o quebranto. Em cada uma dessas práticas, encontro formas de resistência ancestral.

O autocuidado vai além do cuidado individual. No contexto das lutas coletivas, ele se manifesta como uma troca mútua de cuidados. Em um sistema desigual e opressor, é na partilha de saberes e no acolhimento que encontramos resistência. Assim, rodas de conversa, tocadas no bloco, um café com uma amiga ou uma simples caminhada tornam-se expressões significativas de autocuidado. A escritora e pensadora feminista bell hooks afirma que “o fortalecimento comunitário é uma forma vital de apoio e resistência”. Essa compreensão inspira as mulheres negras de hoje e as novas gerações, fortalecendo o pertencimento, a memória e o exercício do autocuidado de si e das outras.

Ademais, o autocuidado se revela transformador. Em minha trajetória de vida, os acolhimentos recebidos de tantas pessoas foram também expressões de autocuidado, possibilitando-me resistir para existir. Por essa razão, escolhi o autocuidado como eixo central do meu projeto de intervenção do Estágio Supervisionado em Serviço Social, intitulado “Autocuidar: é ser Livre para voar”. O projeto foi construído coletivamente no Centro especializado de Atendimento à Mulher (CEAM), com o objetivo de promover o bem-estar e a qualidade de vida por meio do cuidado com o corpo, especialmente entre mulheres em situação de violência de gênero.

Ao relacionar essa temática com as questões estruturantes da sociedade, observa-se que as mulheres negras são as mais afetadas. Como expressa Elza Soares, “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, evidenciando a reprodução histórica e estrutural do racismo, resultado do processo de escravização no Brasil.

O projeto também contemplou ações voltadas às profissionais que atendem essas mulheres e, em outro momento, com sete mulheres em situação de violência. Esses encontros foram marcados pelo acolhimento, pela escuta sensível e pelo compartilhamento de um chá coletivo — momentos simbólicos de autocuidado enquanto prática de resistência ancestral e coletiva.



“Entre-Pontes: Sujeitas-Objetas”

por: Ana Gabriela Colantoni

pesquisadora do NEABI e vice-coordenadora da Coletiva Feminista GSEX.

O Filme “Entre Pontes: Sujeitas-Objetas” tem um caráter experimental. A ida por mim ao local não foi com a intenção de produzir um filme. Eu estava em Belém do Pará, em uma mesa organizada pela ANPOF, representando a filosofia na SBPC, com as Profas. Georgia Amitrano e Lorena Silva de Oliveira. Mas eu também acompanhei a programação e quis assistir a uma mesa com as mulheres pesquisadoras e trabalhadoras do campo. Foi assim que eu conheci Edith, pesquisadora da LEDOC, pois ela contava sobre a realidade na comunidade do interior, chamada Tamatateua, que fica a 18 km de Bragança, no litoral. Logo depois da mesa dela, marcamos a visita.

Foram 4h de viagem em uma van de Belém até Tamatateua, que me lembrou o transporte usual Goiânia-Cidade de Goiás, conhecido como Goiânia Urgente.

Quando cheguei, as pessoas estavam trabalhando na colheita da mandioca para fazer a farinha lavada. Mas já tinham mandiocas que estavam de molho há 3 dias, prontas para serem descascadas. Eu nunca tinha visto mandioca sendo descascada de maneira tão fácil, sem a utilização de faca ou facões. Então entendi que a água tinha o poder de amolecer a casca, de tal modo que bastava puxá-la, para que ela saísse. Outro aspecto que me chamou a atenção foi que mulheres e homens estavam presentes no processo, de tal modo que não tinha serviço de mulher e serviço de homem, como estamos acostumadas a observar a divisão sexual do trabalho. As mulheres utilizavam enxadas e facões, assim como os homens.

Por acaso, Edith recebeu nesse mesmo dia, a visita de uma pessoa, que ela tinha perdido o contato: Milene Pimentel Tavares. Milene havia sido pesquisadora da comunidade e moradora daquele local por dois anos. Edith conta que a comunidade de Tamatateua é a comunidade que mais recebeu pesquisadores e pesquisadoras. Milene nos revela que, em sua pesquisa, ela percebia o quintal, como extensão da cozinha, entretanto, o dinheiro recebido com a venda da farinha lavada não ficava com as mulheres. Edith conta dos processos de organização das mulheres para conseguirem um pouco de autonomia financeira. Ela conta que fundaram uma organização chamada Diva, que ajudava o escoamento – de artesanato feito com material reciclado e folhas de banana, bem como produtos das coletas (frutas, sementes e também os caranguejos do mangue) – para Bragança.

Durante a gravação, nós pudemos também presenciar a transferência de liderança do Diva, de Edith para a Daniele de Souza Silva (que estava de licença para a maternidade). Momento importante, de compreensão do papel de Edith como liderança e também na formação de novas pessoas dispostas a receber seu legado.

Edith mostra-se muito à vontade atrás das câmaras e nos conta de seu enfrentamento em relação ao impedimento de seu marido, quando ela disse que voltaria a estudar. Também nos conta como ele passou a ser seu aliado, levando ela e buscando no Instituto Federal.

Nós tivemos momentos de muitas partilhas nesse dia 13 de julho de 2024, como por exemplo, a ida para comprar o peixe de bicicleta, em que Edith foi me contando asos. Também, no mesmo dia fui para a lagoa azul com as filhas e netas de Edith.

Eu não poderia deixar de contar que ela me cedeu sua cama e foi dormir na rede (ela e seu marido). Eu fiquei muito envergonhada com a situação, mas isso me lembrou muito minha avó, que cedia o lugar de sua cama para as visitas e ia dormir no colchão.

Continua na próxima página...



No dia seguinte, dia 14 de julho, eu decidi fretar dois táxis para levar a família para o mar de Bragança. Eles estavam tão perto do mar, mas não costumavam fazer isso. Foi quando gravamos a parte em que Edith me entrevista. Nesse momento, já tínhamos cogitado em fazer o filme, então Edith não poderia aparecer somente como Objeta do filme, mas também como Sujeita, como pesquisadora.

A intencionalidade é tão responsável pela constituição de significado, quanto o que está fora da mente. Intencionamos, ao passo que nossos corpos também são capturados pelo olhar de Outrem, através das filmagens. Edith e eu, responsáveis pela direção do filme, somos Sujeitas e Objetas, nesse processo intencional de pesquisa e de afeto.

Esse filme foi apresentado no CONEPEC de 2024 e no CINE CAJAZEIRA, em 2025, a convite do Prof. Cícero. No Cine Cajazeira, contamos com a presença da filósofa Aia Hipácia, que partilhou com delicadeza e profundidade suas experiências ao fazer um paralelo com as práticas exibidas no filme. Ela nasceu no Norte do estado do Piauí, na Ilha Grande, entrada para o Delta de Parnaíba. Em sua infância, Ilha Grande era um povoado de Parnaíba. É uma comunidade que tira seu sustento, principalmente, da pesca artesanal de peixes, mariscos e também coleta de frutos da região, como a castanha de caju. Hoje busca reconhecimento da identidade indígena. Pessoas presentes nessa última exibição contribuíram para enriquecer o debate, especialmente Juliana Freire, Julianne Veiga, Dalvana Andrade e Glaucia Fernandes.

Para finalizar, acrescento que, além da Profa. Meire, a produção desse filme foi muito incentivada pelo Prof. Hélio Simplicio e pelo estudante Nicolás Augusto (in memoriam), que foi o editor do filme. O Prof. Emilliano Freitas também colaborou na finalização da edição.

Carta à Ana

por: Maria Edith Ribeiro da Silva é graduada em Licenciatura e Educação do Campo pelo Instituto Federal do Pará, em Bragança. Ana Colantoni e ela foram diretoras do filme "Entre-Pontes: Sujeitas-Objetas"

Quem diria que duas pessoas, tão longe uma da outra, poderiam construir uma amizade tão verdadeira. Você foi uma mulher que chegou de surpresa em minha vida trazendo uma bagagem de aprendizado, por isso sou uma mulher agraciada por ter esse privilégio de conhecer você. Sua amizade é uma das maiores bênçãos em minha vida. Naquele momento que eu estava em uma mesa redonda em Belém do Pará, quando estava falando da importância de ser mulher que luta por sua autonomia, por seu empoderamento feminino, pelo direito de poder estudar, foi aí que eu aconheci Ana e onde nós trocamos ideias. Hoje eu sou muito grata de ter vencido os meus sonhos.

Ana, eu com sessenta e dois anos, terminei a minha licenciatura em Educação do Campo, em uma faculdade federal da minha cidade Bragança do Pará. Sou muito feliz de poder contribuir com a formação cidadã na minha comunidade de Tamatateua. Hoje já estou atuando como professora Licenciada em Educação do Campo.

Queria lhe dizer sempre... Que possamos continuar compartilhando bons momentos que tivemos nesse tão pouco tempo. Mas para mim foi muito. Não sei tudo sobre mim, mas sinto tudo aquilo que é vivência... Tenho a certeza o quanto foi especial.

Eu queria terminar a minha fala lhe agradecendo: Ana, você me ajudou a me tornar uma mulher mais forte e empoderada. Quantas vezes você foi a alegria da minha dor, quantas vezes me achei incapaz de construir palavras pra falar de mim mesma. Viajei nas suas histórias, construímos realidades que formam coisas diferentes, mas conseguimos transformar sonhos em realidades quase impossíveis. Quantas vezes chorei lágrimas, mas aprendi coisas melhores nessa vida: não devemos ter medo de viver! Valeu a pena amiga Ana, hoje eu não poderia deixar de expressar meus sinceros agradecimentos a você, sendo uma das protagonistas desse trabalho cuja dedicação é coragem. A sensibilidade de transformar vidas! Hoje sou grata por ter você como minha amiga. Um abraço da sua amiga, Edith.

Nise da Silveira: uma mulher revolucionária que apresentou o afeto, a arte e a empatia como elemento da cura *por: Maria Meire de Carvalho*

Discurso nesse artigo sobre alguns aspectos do filme "O coração da loucura", que retrata através de Nise da Silveira, a relevância da arte, da empatia, do afeto e da alegria para a cura dos males que afetam a mente. O filme nos remete aos anos de 1950, quando uma psiquiatra contrária aos tratamentos convencionais de esquizofrenia da época, inicia uma nova maneira de lidar com os pacientes.

Na verdade, a "loucura" nada mais é do que o reflexo de uma forma de "tratamento" que a sociedade impõe às pessoas que fogem aos padrões normativos.

No filme, Nise da Silveira, que era psiquiatra, exerce o papel de Terapeuta Ocupacional, momento no qual é possível perceber alguns traços da psicologia. Nise tinha uma forma única de enxergar o mundo, sua coragem e seus procedimentos extrapolaram os limites da ciência da época, seu legado deixou ensinamentos extraordinários, que a coloca em destaque na Luta Antimanicomial.

Nesse filme é possível perceber que o contato afetivo, a confiança recíproca de uma pessoa com a outra, pode possibilitar um estado de alegria e de leveza que estimula a cura, contrariando conceito e a crença da doença mental como crônica. Mas deixo evidente aqui que "não me atrevo a definir a loucura".

A maneira e o cuidado que Nise da Silveira dedicou aos seus pacientes demonstra uma humanização no atendimento, coisa rara no seu tempo. O filme critica o tratamento agressivo como eletrochoque e bolotomia utilizado como prática psiquiátrica.

A Terapia Ocupacional trouxe como foco as artes plásticas e a modelagem como proposta de que os pacientes desabafassem seus sentimentos e se reconectassem com a realidade, o que propiciou a descoberta de talentos em diversos gêneros artísticos. Como disse Nise da Silveira: "é preciso se espantar, se indignar e se contagiar; só assim é possível mudar a realidade".

Entre o ser e o Estrelado

por: Letícia Barbosa Pereira - discente do Curso de Filosofia da UFG Campus Goiás

Eis-me nos umbrais das novas estações
Sonhando com o porvir
De amor sem dano
De alegria sem vazio
Nos poucos corações que componho

Nas horas que passam
Sou lembrança deixada
Carretel de várias presenças
Que me fazem uma e, ao mesmo tempo, várias
No imaginário daqueles que, também, passam

Entre o limiar de quer ser e não poder
De ser e não querer
De ansiar e não ter
Há muitos naufrágios no próprio mar estrelado
De desejos vários
No meu azul interno, às vezes, tão intenso
Ou tão desgarrado do que, outrora, pensava eu
ser

A vida vai sendo, assim, multifacetada
Cheia de tensões e intenções intrincadas Que se
alargam pela força de cada hora
E que enriquecem.Pela presença de alma.
As estações que faço parte e que me fazem
humana.



A lucidez como fardo

*por: Rafaela Cavalcante G. S. Melo - Doutoranda em História PPGH UFG
rafaelamelo@discente.ufg.br*

No romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), José Saramago tramou um mundo que perde a visão e, ao esmiuçarmos a obra, notamos como, talvez, tenha descrito o nosso. No meio da névoa branca da cegueira coletiva, há uma mulher que enxerga. A “mulher do médico”, sem nome, sem heroísmo declarado, sem glória, que carrega o dom terrível de ver o que ninguém quer ver: a barbárie cotidiana, a miséria, o desamparo, o colapso da ordem, a nudez da humanidade. Sua visão não é privilégio, é ferida. Enxergar significa suportar o peso do real e, ainda assim, cuidar. Lugar ao que, historicamente, o feminino é empurrado. Ela não governa nem prega, mas conduz com gestos mínimos: repartindo o pão, cobrindo o outro, limpando feridas. Essa ética da atenção, que não precisa de títulos nem de autoridade, faz dessa mulher em Saramago uma figura profundamente política. Faz dela o eixo ético da narrativa, revelando o limite desse papel, sendo, o de uma mulher que mantém o mundo em pé enquanto ele desaba sobre ela. Esse olhar que acolhe é, ao mesmo tempo, o olhar que sangra.

No universo masculino e hierárquico que o autor desmonta, o feminino aparece como resistência: não pela força mas pela persistência. Em vez da dominação, o olhar que cuida; em vez da cegueira que julga, o ver que acolhe. Talvez o que Saramago intuiu (e o feminismo nomeia) seja que ver o outro é o primeiro passo para imaginar um mundo possível. Há um desconforto que não se apaga, no que diz respeito ao cuidado, mesmo que nessa estrutura, precise vir do corpo de uma mulher. “(...)Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.” (SARAMAGO, 2022, p.310). Em tempos de tantas cegueiras, há algo radicalmente transformador nesse gesto de olhar sem desviar o rosto. A mulher vê e lembra que a lucidez é sobreviver à tarefa de continuar vendo, seguindo denunciando que essa divisão do sensível, entre quem destrói e quem repara, é também uma forma de violência. Esse gesto de ver o mundo e sustentá-lo é o mesmo que a exaure. Ela nos lembra que, no imaginário patriarcal, o feminino é convocado a curar o que não destruiu, assim, uma cegueira que persiste fora da ficção.

1. Este artigo de opinião é resultado parcial do projeto financiado pelo CNPq, Chamada 14/2023 América: histórias, patrimônios e saberes comparados.

Nota da Coletiva Feminista GSEX à memória de Beth Fernandes

Dia 15/10/2025, nos despedimos de Roberta Fernandes, ou simplesmente de Beth Fernandes, como ela gostava de ser reconhecida.

Beth foi uma mulher incrível, uma mulher essencial na luta, na resistência e na construção do pensamento feminista e LGBTQIAPN+ em Goiás e no Brasil. Psicóloga, mestre em Saúde Mental, feminista, escritora e pesquisadora comprometida, Beth foi uma intelectual generosa, dessas que criam e compartilham pensamento com a mesma intensidade com que militam.

Dentro e fora da academia, ela ampliou os debates sobre gênero, sexualidade, saúde mental, feminicídio e direitos humanos, articulando saberes e práticas com coragem e sensibilidade. Foi presidenta da ASTRAL @astralgoiasong (Associação de Travestis, Transexuais e Transgêneros de Goiás) e participou de diversos projetos voltados à defesa dos direitos humanos, à visibilidade LGBTQIAPN+ e ao fortalecimento das políticas públicas para as mulheres.

Beth foi uma grande parceira da Coletiva Feminista GSEX e da Pasquim Feminista, uma das primeiras entrevistadas da nossa Pasquim Feminista, onde nos presenteou com reflexões profundas e afetuosas. Ao lado da professora Maria Meire de Carvalho, construiu uma trajetória marcada por livros, artigos, entrevistas e palestras que seguem como referência pra quem acredita na transformação social como ato de amor político.

Beth nos ensinou que a militância não se faz apenas nas ruas ou nas instituições, mas também nos espaços de cuidado, na escuta, na palavra e no pensamento compartilhado. Seguimos com o coração apertado, mas com imensa gratidão. Porque Beth segue viva em cada mulher que ousa pensar, amar e lutar livremente.

Beth Fernandes Presente!



Com Morgana!

Morgana Clemente Ferreira Silva, mulher trans de 19 anos, vítima de feminicídio na cidade de Goiás, no dia 12/10/2025. Em um mundo cis-heteronormativo, há vidas que importam menos. A expectativa de vida para pessoas trans é de 35 anos, como fruto da violência física e psicológica, bem como da negligência social em relação à saúde do corpo e da mente. O ocorrido faz parte de um enredo comum e monstruoso.

Precisamos refletir sobre discriminação social e sobre as violências simbólicas que geram vários tipos de mortes: da simbólica ao desfecho fatal. Ações são necessárias: ser intransigentes com as violências expressas no uso inadequado de pronomes e artigos, contrários ao que é solicitado; constranger os risos diante do que é diferente; exercer o compromisso de alargar as rodas de acolhimento, para que nenhuma pessoa seja considerada abjeta, suja, impura ou errante, pelo simples fato de existir; desenvolver, fortalecer e adequar políticas públicas já existentes.

Justiça por Morgana é mais do que a exigência de punição para o assassino. É a necessidade de um compromisso social e ético de transformação nos âmbitos cultural, educacional, político e afetivo. Morgana não vive mais entre nós, mas que, pelo menos, sua morte nos sacuda para outras vidas que também importam.

Assinam essa nota os seguintes grupos e coletivos da UFG- Câmpus Goiás:

- Coletiva Feminista GSEX
- Comissão de Mobilização Docente, UFG|Câmpus Goiás.
- MOTYRÔ Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Extensão: Trabalho, Questão Social e Direitos Humanos na Periferia do Capitalismo.
- Coletivo Recicla Goiás.
- LAPAM (Laboratório de Procedimentos Metodológicos e Análise de Microdados).
- LABORA (Laboratório de Estudos e Pesquisa em Organizações e Trabalho).
- LabProj (Laboratório de Projetos)
- Ybipitanga: Escritório de Arquitetura Vernacular e Popular.
- NEABI (Núcleo de Estudos Afro brasileiros e Indígenas)
- OFUNGO (Observatório Fundiário de Goiás)
- Comissão de Inclusão e Permanência, UFG- Câmpus Goiás
- CAPU (Coletivo de Ações Poéticas Urbanas).

Texto produzido por coletivos do Campus Goiás da UFG, publicado na página do Instagram da Coletiva Feminista GSEX, em 20/10/2025.

A margem que me habita

Margeio eu.
Em mim repousa uma beira: nem ida, nem vinda,
vereda infinita
no curso da vida.
Se me chamam margem,
é que cumprio destino:
de perto sou longe,
miragem — sumida.
Rito é esse: chegada e partida,
de barco sem guia,
de rio que entorna,
que fere e me cria.
O que sei dessa margem
é mais que olho enxerga,
menos que a boca grita:
ausência presente,
presença vazia.
Já nem sei se me sabem:
se rio, se margem,
profano ou sagrado,
mentira ou verdade?
Nem canoa, nem rio.
Sou terceira margem.

Alessandra Nascimento - 2025



Passado

Penso em você um pouco menos,
Seu cheiro já não está em toda parte.
A chuva me acorda na madrugada
Mas sua imagem escorre na água.

Balbuciar seu nome em sonhos
Dizer que minha alma sofre, agora só em versos.
Recordará o quanto perturbei seus desejos.
Suplicou-me que lhe amasse.

Tenho espírito de uma flor espessa
Que assusta e se fecha.
A solidão encravada me aguardava
De uma miragem feminina interna.

Diante de nós, aqueles lençóis brancos,
O amor que explodia, sua temura, nossos beijos,
A chegada do sol carregou lentamente o passado.

Juracema Camapum Barroso - 2007



acompanhe nossas redes

  @coletivagsex

